



**UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO CEARÁ - UECE**

Av. Dr. Silas Munguba, 1700 -
Campus do Itaperi, Fortaleza/CE

**POR UMA GEOGRAFIA COM
POESIA**

Luiz Carlos Flávio

Citação: FLÁVIO, L. C. POR UMA
GEOGRAFIA COM POESIA.
Revista GeoUECE (online), v.
08, n. 15, p. 08-22, jul./dez. 2019.
ISSN 2317-028X.



POR UMA GEOGRAFIA COM POESIA
FOR A GEOGRAPHY WITH POETRY
POR UNA GEOGRAFÍA CON POESÍA

Luiz Carlos FLÁVIO ¹

¹ Professor doutor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, e-mail: lucaflavio@gmail.com

RESUMO

A relação homem-terra contempla sentidos de ação, apropriação e recriação da natureza; envolve movimentos físicos, simbólicos, objetivos, subjetivos; contempla o vivido/percebido/imaginado. O espaço é (re)criação biológica, econômica e material, mas também imaterial: envolve sensibilidade política, cultural, estética, da inteligência, da emoção que dialogam com a razão na construção de território, paisagem, lugar, fronteira cotidianamente ressignificados. Neste trabalho evidenciaremos a importância do diálogo da geografia com a poesia (lida e/ou produzida pelos estudantes de geografia) vista como *projeto de iluminação e liberdade*, sendo força poderosa de leitura e intervenção no mundo, contribuindo para enriquecer a análise e as práticas que tocam as formas e conteúdos da vida humana.

Palavras-chave: Geografia. Poesia. Ensino de Geografia.

ABSTRACT

The land-man relationship includes senses of action, appropriation and recreation of nature; It involves physical movements, symbolic, objective, subjective; includes the living / perceived / expected. Space is (re) creation biological, economic and material but also immaterial: it involves political, cultural sensitivity, aesthetics, intelligence, emotion that dialogue with the reason in the construction of territory , landscape, location, daily resignified border. In this paper we show the importance of geography dialogue with poetry (read and / or produced by geography students) view as project lighting and freedom, being powerful force for reading and intervention in the world, helping to enrich the analysis and practices play forms and content of human life.

Key-words: Geography. Poetry. Geography Teaching.

RESUMEN

La relación hombre-tierra incluye significados de acción, apropiación y recreación de la naturaleza; implica movimientos físicos, simbólicos, objetivos, subjetivos; contempla lo vivido / percibido / imaginado. El espacio es una (re) creación biológica, económica y material, pero también inmaterial: implica política, cultura, estética, inteligencia y emoción que dialoga con la razón en la construcción del territorio, el paisaje, el lugar, la frontera, que se representan diariamente. En este trabajo, destacaremos la importancia del diálogo entre geografía y poesía (leída y / o producida por estudiantes de geografía) vista como un proyecto de iluminación y libertad, siendo una fuerza poderosa para la lectura





y la intervención en el mundo, contribuyendo a enriquecer el análisis y las prácticas que tocan las formas y contenidos de la vida humana.

Palabras-clave: Geografía. Poesía. Enseñanza de Geografía.

1. INTRODUÇÃO

Quem tece um poema
liga as antenas,
mapeando bem fundo
para ver, entender
a vida que se estende
afagando e indagando
de modo fecundo
as visões e ações
que compreendem o mundo.
Somente um poema
ainda é pouco
para transformar o todo
de um louco sistema
que se rende, sem pena,
à insensibilidade
em um tempo que clama
por um ser mais humano.
Quem tece um poema
liga as antenas
para sensibilizar
um pensar mais fecundo
capaz de arejar
e, quiçá, humanizar
as faces e traços
dos espaços do mundo.

("Insensibilidade", poema inédito, Luiz Carlos Flávio)

A relação homem-natureza, necessariamente perpassada pela dialética razão/sensibilidade, objetividade/subjetividade, tem sido amiúde dicotomizada no contexto da modernidade.

Abraçando a ideia de que a compreensão do espaço geográfico deve levar em consideração que o conhecimento do mundo demanda um diálogo da ciência com todos os níveis de conhecimentos presentes no universo humano, objetivamos trazer à discussão a importância do diálogo da ciência geográfica com a poesia.

Como sugere Bachelard (2005), todo espaço contém uma poética pelo simples fato de os homens o habitarem e o transformarem incessantemente à medida que com ele dialogam. Para habitá-lo, produzem/inventam sentidos,



ações e movimentos físicos-simbólicos, objetivos-subjetivos, vividos-percebidos-imaginados que caracterizam sua existência marcada por hibridismos materiais e imateriais.

O espaço é criação biológica, econômica e material. Mas também é criação imaterial. É fruto de uma gama de experiências ligadas à sensibilidade política, cultural, estética, da inteligência, da emoção, da cognição individual que dialogam com a razão na construção de espaços, territórios, lugares, fronteiras cotidianamente reinventados e ressignificados nas práticas cotidianas dos homens.

Objetivando evidenciar a importância do diálogo da geografia especialmente com a poesia, argumentamos que o conhecimento poético é poderosa força de recriação do mundo que pode ativar um “projeto de iluminação”, liberdade/libertação da vida, da cultura, da política, da economia. Pois se constitui num pensar reflexivo e criativo avivado pela contribuição da sensibilidade humana, aspecto que enriquece as formas/conteúdos as quais tocam a vida humana e as práticas cotidianas.

Neste texto, empreendemos um esforço para problematizar essa discussão:

1) a ciência (e a geografia, em particular) tem demonstrado dificuldade em superar o universo da razão instrumental dita objetiva/matemática/técnica cultivada (cultuada?) no âmbito da modernidade. Tal superação envolve a consideração da importância da sensibilidade (inter)subjetiva como elemento constitutivo da produção do conhecimento;

2) o espaço geográfico é, em essência *poiesis*. Nessa condição, deflui da (re)criação e (re)invenção subjetiva/social humana. Daí o necessário aprofundamento do diálogo da geografia com o universo do pensar/criar/fazer poético. A poesia é ferramenta privilegiada da literatura para abordar a realidade, especialmente o cotidiano (instância por excelência da reflexão poética, já que é o locus da relação particular-universal, bem como da compreensão das formas-conteúdos do mundo, a partir do diálogo cotidiano com as paisagens reinventadas).

3) a necessidade de construir novas metodologias capazes de dinamizar/animar-*dar alma* ao ensino-aprendizagem de geografia pode obter



importante resposta no ensino com poemas que propiciem pertinentes leituras espaciais (de territórios, paisagens, lugares, fronteiras etc.). Mas além do uso de poemas/poetas consagrados, sugerimos refletirmos também sobre a importância de que estudantes e professores possam *poetizar o mundo*. De que, sintonizando seus conhecimentos, saberes, sensibilidades, emoções, intuições e sentimentos estéticos com as “falas da natureza” (natural/humana) cognitivamente apreendidas, possam interpretá-las e, quiçá, traduzi-las em poemas. Inserimos nosso próprio trabalho nesta necessária seara da construção de uma *linguagem geopoética* devotada ao ensino de geografia...

Nosso intuito, portanto, é evidenciarmos que o diálogo envolvendo geografia e poesia pode ser profícuo na construção do pensamento e de práticas de ensino voltadas à renovação da ciência geográfica. Pois, como toda arte, a poesia inspira (re)criação, renovação e (re)invenção de pensamento e ação capazes de transformar o mundo, dos quais muito carecemos em nossos dias.

2. CIÊNCIA PRODUTIVISTA “OBJETIVA” E BANIMENTO DE *POIESIS* (CRIAÇÃO) E LIBERDADE

Desde a antiguidade, diversos conhecimentos produzidos pelos homens, tais como arte, religião, mitos, lendas etc. foram considerados como importantes formas de saber acerca do homem, da terra, da natureza. Todavia, nos marcos da chamada modernidade¹, procedeu-se a produção de uma racionalidade instrumental marcada pelos domínios da técnica e da ciência sobre natureza e sociedade. O universo do trabalho e a reprodução da vida social se tornaram objetos de controles materiais/ideológicos pelo sistema do capital amparado em uma racionalidade burocrática socialmente reproduzida (HABERMAS, 1968).

O papel exercido pela ciência no banimento da subjetividade no contexto da modernidade é instrumento utilizado para garantir a acumulação

¹ Compreendida pelo período entre meados do século XV e o momento atual, a modernidade sublinha importantes mudanças nos universos naturais, biológicos, sociais e políticos que acompanharam a evolução do modo capitalista de produção da vida humana. Em tal contexto, compreensão do mundo passou a ser embasada na razão “[...] como instância por excelência de definição dos parâmetros sociais, políticos, culturais e cognitivos” (HANSEN, 2000, p. 52) os quais, uma vez aceitos, definem os limites do ser/estar/existir no mundo.





baseada no trabalho fincado na produtividade. Garantindo a acumulação capitalista face a um trabalho cada vez mais alienante, a ciência patrocinou a decadência da estruturação da vida social criativa e de liberdade. Vaneigem (1967, p. 36), tecendo uma leitura da relação entre trabalho alienante e criação no contexto capitalista industrial, assevera que:

A obrigação de produzir aliena a paixão de criar. O trabalho produtivo faz parte dos processos de manutenção da ordem. (...) Em uma sociedade industrial que confunde trabalho e produtividade, a necessidade de produzir é sempre antagônica ao desejo de criar. O que sobra de centelha humana, de criatividade possível, em um ser arrancado do sono às 6 horas da manhã, sacudido nos trens suburbanos, ensurdecido pelo barulho das máquinas, lixiviado e vaporizado pelas cadências, pelos gestos sem sentido, pelo controle estatístico, e empurrado no fim do dia para os saguões das estações (essas catedrais de partida para o inferno dos dias de semana e do fútil paraíso dos *weekends*), quando a multidão comunga na fadiga e no embrutecimento? Da adolescência à aposentadoria, os ciclos de 24 horas sucedem-se com seu mesmo estilhaçamento, como balas acertando uma janela: repetição mecânica, o tempo-que-é-dinheiro, submissão aos chefes, tédio, fadiga. Da aniquilação da energia da juventude à ferida aberta da velhice, a vida é estilhaçada sob os golpes do trabalho forçado. Nunca uma civilização chegou a um tal grau de desprezo pela vida. Afogada no desgosto, nunca uma geração sentiu uma tal raiva de viver. Aqueles que são lentamente assassinados nos matadouros mecanizados do trabalho são os mesmos que discutem, cantam, bebem, dançam, amam, ocupam as ruas, pegam as armas e inventam uma nova poesia. Já está se formando a frente contra o trabalho forçado; os seus gestos de recusa estão moldando a consciência do futuro. Qualquer apelo à produtividade é sob as condições desejadas pelo capitalismo e pela economia soviética, um apelo à escravidão. (...) Infelizmente, para os novos economistas políticos, essas justificativas são as do século XIX, de uma época em que a miséria das classes trabalhadoras fez do direito ao trabalho o equivalente do direito à escravidão, reivindicada na aurora dos tempos pelos prisioneiros condenados à morte. O mais importante antes de tudo era não desaparecer fisicamente, sobreviver. Os imperativos da produtividade são os imperativos da sobrevivência. Mas de agora em diante as pessoas querem viver, e não apenas sobreviver.

A ciência ganhou importante centralidade na sustentação do *status quo* capitalista. Ancorada em métodos matemáticos e das ciências naturais, ela tornou-se ferramenta de *desvendamento* do “Cosmos” e “grande critério da verdade”, sendo-lhe dada a tarefa de “objetivamente” *capturar*, quantificar, mapear, descrever e explicar os movimentos/fenômenos humanos e naturais contidos na diversidade do mundo, estabelecendo as “leis” de seu funcionamento.



Diante dos *rigorosos cânones científicos* da ciência “objetivista”, toda forma de saber considerada inválida pela “ciência” foi descartada ou não levada a sério. Temos aí a questão do banimento de outras modalidades de conhecimento, tais como os produzidos pelo senso comum, no âmbito das atividades cotidianas.

Durand (1993) se insurge contra tal racionalismo pragmatista cartesiano por contaminar o pensamento ocidental com a desvalorização de importantes dimensões humanas tachadas como “irracionais”. *Anatemizando* ou mesmo *extinguindo a imaginação, o simbólico, os conteúdos imagéticos, signos, alegorias, símbolos, emblemas, parábolas, mitos, ícones, ídolos, etc* que modelam a vida do homem na terra, a ciência moderna passa a atrapalhar em alguma medida a compreensão da *criação do homem* em suas relações com outros homens e com a terra. Pois à medida que a ciência se arvora em único discurso explicativo do mundo, ela se torna um *mito moderno* (ver Os mitos modernos, 1999 ou ideologia que parcializa a compreensão do mundo).²

Todavia, Durand (1993) nos adverte: os universos simbólicos continuam a invadir todos espaços-tempos modernos, imprimindo-lhe conteúdos e forças espirituais, do inconsciente, metafísicas, morais, estéticas, poéticas, artísticas. Pois tais universos arquitetam uma rebelião contra as proibições da ciência “objetivista”.

Para Eliade (2002), mito, língua, arte, poesia, ciência, etc. são todos universos do conhecimento ativos na criação do mundo, contribuindo para traduzir as tensões/mudanças da vida social. Dentre elas, a poesia se destaca, sem dúvida, como uma linguagem que pode nos dar vários *insights* sobre o mundo em sua produção, em suas metamorfoses.

3. O ESPAÇO GEOGRÁFICO É *POIESIS* (CRIAÇÃO)

Consoante Giuseppe Verdi, para além de ratificar os elementos já dados, as práticas humanas sempre intentam inventar a realidade. O que “[...] é melhor, muito melhor”, nos termos de Cândido (2004, p. 131).

² “A ideologia transforma em absoluto um conceito parcial e uma verdade relativa” (LEFEBVRE, 1991, p. 107).



Para Ribon (1991, 46-7), lendo a natureza o poeta capta e traduz um poder criador de imagens, sentidos e forças transformadoras das coisas.

Em Cândido (2004, p. 105) uma *obra* (seja ela uma obra poética, literária e, diríamos, seja esta obra o espaço geográfico) é um mundo que contém razões que a sustém. O mundo é obra “reordenada, transformada, desfigurada ou até posta de lado, para dar nascimento ao outro mundo.”

A produção espacial é um reflexo das atividades criadoras de *obras* humanas. Contém em si os signos da transformação da natureza primitiva em segunda natureza. É *(re)produção* das relações sociedade-natureza que comporta aventuras e inventividades com potencialidade transformadora, já que espaço significa movimento em que os homens investem toda sua inteireza a qual contempla aspectos tais como: biológicos, razão, inteligência, emoção, medo, sensibilidade, ódio, sentidos de justiça, estética, sagrado, lúdico, interesses econômicos, políticos, ideológicos, cognições oníricas, intuições etc... O espaço é o local da fixidez dos simbolismos produzidos pelos homens no mundo vivido, percebido, imaginado) e que se tornam espaciais (LEFEBVRE, 1991).

À medida que vivem e produzem seus espaços-tempos, os homens buscam decifrar o mundo, o qual comporta as intencionalidades e *vontades de representação* (Shopenhauer, 2004) oriundas de suas práticas cotidianas. Aos homens, é necessário desvendarem o mundo, seus sentidos e significados para se inserirem nas realidades que os rodeiam em suas múltiplas facetas de: (des)ordens, unidade/diversidade, singularidades, particularidades, universalidades, hibridismos macro-microestruturais, simbolismos que testemunham a *unitas multiplex* do universo numa dialética que envolve inclusive as indeterminações e acasos (MORIN, 2007).

Lefebvre (1991, p. 85) prima pela defesa de uma leitura da totalidade social que supere as dicotomizações da realidade humana feitas pela ciência moderna:

De fato, não admitimos as cisões entre o conhecimento e a poesia, nem entre a ciência e a ação, entre o abstrato e o concreto, entre o imediato e as mediações, entre o positivo e o negativo, entre a afirmação e a crítica, entre os fatos e as apreciações, entre o objeto e o sujeito.



Para Lefebvre (1991) a *sociedade burocrática do consumo dirigido* (capitalista) elimina dimensões humanas importantes como as subjetividades que moldam o espaço social. Essa separação de coisas indissociáveis é causa de derrota do pensamento no contexto da modernidade burguesa que porta em suas práticas a coisificação e a alienação como elementos disso resultantes.

Igualmente, o imaginário humano tem sido também suprimido das formas de conhecimento objetivistas da ciência moderna. Sendo ele eliminado da interpretação da realidade, muito da capacidade humana de (re)criação incessante de novos conteúdos acaba também sendo eliminada.

Conforme Castoriadis (1995, p. 14):

A história (e, diríamos, toda a produção do espaço geográfico) é essencialmente *poiésis*, e não poesia imitativa, mas criação e gênese ontológica no e pelo fazer e o representar/dizer dos homens. Este fazer e este representar/dizer se instituem também historicamente, a partir de um momento, como fazer pensante ou pensamento se fazendo.

O imaginário é, portanto, elemento humano que “[...] está na raiz tanto da alienação como da criação na história” (CASTORIADIS, 1995, p. 161), não podendo ser banido do universo interpretativo da vida social. Em outro lugar, Castoriadis (1986) sugere que a subjetividade humana é imbuída de pensamento, reflexão e ação deliberante. Ao mesmo tempo em que se põem como “fabricação” psíquica da sociedade, as pessoas têm a capacidade de *auto-criação* e *auto-alteração* daquilo que foi instituído. A sociedade é algo instituída, mas também instituinte, pois há a criação de projetos sociais históricos que engendram possibilidades de instauração do *novo*.

A estruturação do espaço geográfico se dá quando homens e grupos sociais se apropriam do espaço e neles imprimem suas ações/pensamentos e corpos que assim se territorializam, fincando raízes à terra (DELEUZE e GUATTARI, 1992).

Na produção do espaço, longe de serem “tábulas rasas” passivas, os homens trabalham signos, interpretações do passado, produzindo *suas* próprias obras. Para além do mero *homo economicus*, os homens são operadores “multidimensionais” que superam a “ideologia produtivista” e o racionalismo econômico: participam e se integram com criatividade nas aplicações práticas (LEFEBVRE, 1991, p. 209-10).



Para Bachelard (2005) o racionalismo *cientificista* impede de ver que a produção do espaço *envolve a imaginação poética*: os sujeitos participam com seus corações, suas almas, interpretações e subjetividades humanas que tornam o espaço vivido essencialmente poético: uma potência criadora que supera o que existe.

Nesse sentido, a arte, a realidade sensível, o elemento poético põe-se como *obra* em que a condição humana é ativa na produção do espaço: “O espaço convida à ação, e antes da ação, a imaginação trabalha” (BACHELARD, 2005, p. 31).

O espaço é, assim, subjetiva e intersubjetivamente ressignificado pelos homens. Na concepção poética de Blood, em sua relação com a natureza, os homens querem sempre “[...] trazer o diferente” (apud DELEUZE, 1988, p. 63).

O pensamento, a poesia, enquanto reelaboração dos significados/significantes da natureza são assim modeladores de espaço. As pessoas modelam o espaço e são por ele também talhadas, sendo a uma só vez tributárias e produtoras do mundo que instauram, com suas ações e pensamentos.

4. POR UMA GEOGRAFIA COM POESIA

Num texto em que tecera considerações acerca da relação entre “território, poema e identidade”, Haesbaert (1997, p.20) cita a feliz afirmação de Eric Dardel, extraída de seu clássico “L’Homme et la terre” (publicado em 1952):

A linguagem do geógrafo se torna, sem esforço, aquela do poeta. (...) O rigor da ciência nada perde ao confiar sua mensagem a um observador que sabe admirar, escolher a imagem justa, luminosa (...). Uma visão puramente científica do mundo poderia muito bem designar, como nos indica Paul Ricoeur, um “refúgio quando estou cansado de desejar e que a audácia e o perigo de ser livre me pesam”.

Haesbaert (1997, p. 20-1) sublinha com propriedade a necessidade de “[...] tentar superar a separação entre sensibilidade/emoção e razão, poesia e ciência, que a ‘modernidade’ ocidental acabou trazendo de forma dicotomizada”. E cita as lições propostas pelo mestre Augustin Berque, que:



[...] não só propõe reunir estes fragmentos como, sobretudo enquanto geógrafo, pretende fundir novamente sociedade e natureza, numa *trajection* em que o meio ou *milieu* (relação ao mesmo tempo física e sensível com o espaço e com a natureza), historicamente reproduzido, combina de forma ambivalente “o subjetivo e o objetivo, o físico e o fenomênico, o ecológico e o simbólico (...)”.

Para além da racionalidade instrumental da ciência moderna, a poesia é ferramenta que comporta o sentir a natureza e os homens em suas percepções, desejos, sonhos, produções de territórios, paisagens, lugares etc. Os seus diferentes “sentimentos do mundo, da natureza” podem ajudá-los a explicá-los, (re)interpretá-los.

O poeta cultiva intimidade com a natureza para captar/traduzir o caráter primordial dos sentidos e forças que transformam homens e coisas (BOLLE, 1989). Para Nietzsche (2005, p. 154-5) os artistas/poetas conseguem apresentar um “faro mais delicado” em relação ao “sentimento de liberdade” e formas de “pôr, dispor e moldar (as coisas) criativamente. Há (neles) (...) uma hierarquia de estados psíquicos que está de acordo com a hierarquia dos problemas”.

Na mitologia grega as artes suprem e ativam no homem a chama do espírito, apurando a sensibilidade às múltiplas *essências da vida* (CAMPOS, 2008). A poesia se manifesta, assim, como busca em desvelar o ser. É “projeto de iluminação” e *abertura do Ser*, para Heidegger (ROSETE, 2006). Em nosso entendimento traduzido poeticamente, poderíamos dizer que:

Poesia é para iluminar
o pensar, o sentir,
o enxergar as paisagens do mundo.
Poesia é para iluminar
as mensagens que a alma vai buscar
nos modos de ser, perceber, conceber
o espaço, o território, a paisagem, o lugar...
Poesia é para iluminar
e ponderar sobre os desafios
grandes e pequenos
de nossa terra-sistema.
Poesia é para iluminar
nossos olhares sobre o que temos,
o que não temos, o que tememos
e o que queremos, permitindo-nos sonhar
e (re-e-)laborar outros mundos
que, quiçá, engendrar-los nós podemos...



“Poesia é para iluminar...”, poema inédito, Luiz Carlos Flávio).

O poético, sendo espírito criador, quer tocar o humano, suas emoções, valores sentidos estéticos, éticos, culturas, diferenças e contradições (BOLLE, 1989). Quer perscrutar as tessituras da vida, significações, expressões, emoções, conceitos, sentimentos que excitam a alma evocando conhecer a natureza do que existe, mas também intuindo provocar o nascimento de outras realidades (FALCÃO, 2008).

Nessa condição, o poético pode interferir na produção do espaço humano guiando percepções/afetividades (Deleuze e Guattari, 1992), inspirando possibilidades de (re)criações a partir da comoção e envolvimento das pessoas diante das realidades nuas e cruas da vida consuetudinária (BOLLE, 1989). A poesia explora a beleza e também as degradações do mundo escancaradas nas relações particular/singular/universal presentes nas formas/conteúdos espaciais (RIBON, 1991).

O pensamento poético é uma potência criadora capaz de reverter ordens e representações do espírito humano, contrariando ordens políticas, culturais estabelecidas. Coloca-se como instrumento cognitivo que agrega a crítica daquilo que existe, apontando suas contradições no espaço-tempo: as relações homens/natureza/capital em suas múltiplas territorializações. E diante da polifonia do mundo e suas mazelas, a poesia é “feiticeira que cura” ou que busca possibilidades de soluções para as questões apresentadas (BOLLE, 1989, p. 17).

Santos (1994, p.07) lamentou no passado que: “[...] o maior erro que a geografia cometeu foi o de querer ser ciência, em vez de ciência e arte.” Hissa (1996) destacou que arte e ciência, sensibilidade e racionalidade dialogam produzindo diversas instâncias de criação.

Assim, perscrutando as formas/conteúdos com que os homens modelam a terra em relações de coesão, solidariedade; embates, lutas; regramentos, resistências e disputas territoriais, a geografia pode obter importante diálogo interpretativo do espaço a partir da valorização/uso da poesia. Diversos poetas brasileiros e da literatura universal podem ajudar a despertar a sensibilidade humana diante das transformações que envolvem homens e natureza em todo o planeta.



Todavia, para além da utilização de obras de poetas consagrados, temos defendido e tentado mostrar, a partir de nossa própria produção poética (FLÁVIO, 2008), ser possível que estudantes/professores sejam não somente “consumidores” de poesias produzidas por grandes poetas. Mas que possam ser também produtores de poemas que busquem desvendar a nossa geografia de cada dia.

O diálogo com a poesia pode ajudar a melhor entendermos a realidade que clama bases de transformação do que está dado, instaurando-se uma espacialidade mais humana. Qual assevera Silva (1982, p. 13):

No momento em que a sociedade humana conquista definitivamente o reino da natureza, como sua destruição, ou como compreensão de sua necessidade para a vida humana, modifica-se a consciência do mundo. Não se pode continuar a viver com os valores que recebemos do passado, porque eles já não dão resposta aos problemas do presente. É nesse sentido que há uma crise da cultura.

Diante da degradação da natureza e das relações sociais precisamos recorrer à produção de um pensamento geográfico dotado de uma imprescindível sensibilidade humana para enfrentar tais desafios.

É tempo de nos sensibilizarmos: o olhar poético nos aponta que o mundo, os homens também são capazes de tecer formas-conteúdos regados sobretudo de sonhos, tolerância e convivências humanizadoras, porque cedem lugar às sensibilidades e utopias que buscam o engendramento de espaços felizes... (FLÁVIO, 2009).

5. CONCLUSÃO

Entendendo que a linguagem poética nos ajuda a expressar a necessária interlocução entre geografia e poesia, encerramos nosso texto lançando o convite para navegarmos nos interstícios das mais diversas geografias permitindo-nos sermos tomados pela sensibilidade da poesia.

Iluminando-nos o viver/perceber/imaginar, a poesia pode, sem dúvida nos ajudar a enxergar melhor os tempos/espacos/territórios/lugares/paisagens que podem ser, quiçá, melhor analisados, vividos e des-re-construídos à medida que desvendamos o mundo. Pois partimos do princípio de que:



Toda história é convite pra navegar em águas profundas, em vagas fecundas, em faces desnudas, em chaves do mundo que contam seus vultos, que somam seus fluxos, seus luxos, lutos e insultos e contam as verdades mais secretas e encantam todas mentes mais inquietas por desvendar toda a terra, por desvelar toda guerra (des)humana que funda a história, que é luz para os olhos que sonham conhecer dos homens os corações, suas razões, seus caminhos e comunhões, encruzilhadas e divisões, seus atalhos e encalhes ou pontos fendidos em seus sentidos mais escondidos. Navegar é preciso pelo mar do desvendar. Desvendar o homem, a terra, seus sentidos.

(“Desvendar é preciso” – FLÁVIO, 2008, p. 32).

6. AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos à Universidade Estadual do Oeste do Paraná, por ser a instituição onde, através do Grupo de Estudos Territoriais, temos tido espaços importantes de leituras, pesquisa e debates que têm nos permitido adentrar nos veios da temática. Agradecimentos, ainda, ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná que nos acolheu no ano de 2019 para um pós-doutoramento que nos permitiu avançar um pouco mais na compreensão do tema aqui exposto.

7. REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BOLLE, Willi. A cidade sem nenhum caráter. Leitura da Paulicéia desvairada de Mário de Andrade. In: **Espaço & Debates**. Revista de estudos regionais e urbanos. Imagens e representação da cidade. pp. 14-27, 1989.

CÂNDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. 3ª. ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Duas Cidades, 2004.

CAMPOS, Sávio L. de B. **Ensaio Sobre o Papel da Memória na Educação da Antigüidade Cristã**. Disponível em: http://www.impactnew.com/filosofante/pdf/educacao_da_antiguidade_crista.pdf. Acesso em 10.10.2008.

CASTORIADIS, Cornelius. ESTUDIOS. **El Campo de lo social histórico**. Filosofía-Historia-Letras, Primavera, 1986. In: http://www.infoamerica.org/teoria_articulos/castoriadis02.pdf. Acesso em: 20.01.2009.

_____. **A instituição imaginária da sociedade**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1995.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.



DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. (Col.TRANS).

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica.** Lisboa: Edições 70, 1993.

ELIADE Mircea. **Imagens e símbolos:** ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FALCÃO, Fernanda Scopel. **Poema e a canção:** uma aproximação intergêneros. Disponível em: <http://www.ufes.br/~mlb/multiteorias/pdf/FernandaScope%20FalcaoOPemaEACancao.pdf>. Acesso em 12.10.08.

FLÁVIO, Luiz Carlos. Geografia em canção e poesia: relatos de uma experiência docente. XXI ENCONTRO DE GEOGRAFIA (ENGEIO), 21, XV ENCONTRO DE GEOGRAFIA DO SUDOESTE DO PARANÁ (ENGESOP), 15, 2018. **Anais...** Francisco Beltrão: Unioeste, 2018b.

_____. Por uma geografia poética: uma pesquisa em construção. In: II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E XXII SEMANA DE PEDAGOGIA: “A EDUCAÇÃO BÁSICA NA ATUALIDADE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO CONTEXTO DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR – BNCC”, 2, 2018. **Anais...** Francisco Beltrão: Unioeste, 2018a.

_____. Geografia e poesia: uma breve reflexão. In: 12º ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 2009, MONTEVIDEO. ?CAMINANDO EM UMA AMÉRICA LATINA EM TRANSFORMACIÓN?, 12, 2009. **Anais...** Montevideo.

_____. **Geografia em poesias:** tempos, espaços, pensamentos. Francisco Beltrão: Grafisul, 2008.

HABERMAS, Jürgen. Ciencia y técnica como ideología. Madrid: Tecnos, 1986.

HANSEN, Gilvan L. Espaço e tempo na modernidade. **GEOgraphia** – Ano. II, n. 3 2000.

HISSA, Cássio E. V. **A mobilidade das fronteiras:** inserções da crise da geografia na modernidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno.** São Paulo: Ática, 1991.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** 3ª. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra.** São Paulo: Martin Claret, 2001. (A obra-prima de cada autor).

_____. Além do bem e do mal. São Paulo: Rideel, 2005. (Bibliotecaclássica). OS MITOS MODERNOS. Productions Conscient Inc. Québec: Tv Ontário.



Dirigido por Jean Laliberté. Versão brasileira: Áudio News, 1999.

RIBON, Michel. **A arte e a natureza**. Campinas: Papirus, 1991.

ROSETE, Isabel. **Heidegger: A Arte como poesia essencial em que um povo diz o Ser**. Julho de 2006. Disponível em: <http://www.consciencia.org/heideggerisabelrosete4.shtml>. Acesso em 12.10.08.

SANTOS, Milton. O mundo não existe. In: ENTREVISTA. **Revista Veja**. 16/11/94. p.7-10.

SILVA, Armando Corrêa da. Contribuição à crítica da crise da geografia. In: SANTOS, Milton (org). **Novos rumos da geografia brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1982.

VANEIGEM, Raoul. *A arte de viver para as novas gerações*, 1967. Disponível em: <https://blogautonomiaproletaria.files.wordpress.com/2013/04/viver-novas-geracoes-digitalc3aa-completo-1.pdf>. Acesso em 01.07.15.